

POLI-CAMPUS

1766
ÓRGÃO QUINZENAL DE
DIVULGAÇÃO INTERNA
GRÊMIO POLITÉCNICO

S. Paulo , 31 de março de 1966

O QUE É A CPS

... há um departamento do Grêmio
que talvez você ainda não conheça.....
página 6

NOTAS DO SOCIAL

página 12

Crônica - JOÃO NINGUÉM

página 4

Editorial

... a lamentar o espancamento e
prisão de estudantes mineiros. O pro-
testo do universitário paulista...

página 3

UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO

...Uma nova concepção de currícu-
los para a Universidade torna-se impe-
riosa....

página 9

Teatro - SHAKESPEARE , 7 1/2

página 8

Música

página 13

Página Literária

página 11

Cultura Brasileira

página 5



(... plano da formação de uma cidade ou bairro universitário... - ORIGENS) página 14

GRÊMIO POLITÉCNICO

pres. - Paulo A. Valarelli

vice-pres. - Ederaldo B. Veiga

Poli - Campus

direção - Lineu Ayres

redação _____

David C. Moreira
Ismail N. Xavier

seções _____

pintura e escultura - Nebel V.
Scaglione

teatro - João R. Lima Júnior

música - Luciano de Faria

literatura - Lineu Ayres

crônica - Roberto Tracanella

o gamelinha - Nebel e Oswaldo

cinema - Adalberto e

José A. Viana

cultura brasileira - Equipe

Poli - Campus

notas sociais - Dep. Social

colaboraram _____

Denilson
Maekawa

Este jornal foi impresso pelo
Departamento de Livros e Publi-
cações do Grêmio Politécnico .

Ainda nesses dias tivemos a lamentar o espancamento e prisão de estudantes mineiros. O protesto do universitário paulista ante esta atitude não podia deixar de se fazer ouvir, o que foi feito alto e bom som.

No dia 18 tivemos uma passeata na qual três mil colegas manifestaram sua revolta à ação de força da polícia mineira.

E esta solidariedade que foi à rua não se fazia apenas em termos de protesto pela violência policial, mas era também solidariedade às teses defendidas pelos estudantes de Minas, isto é, contra uma mal-disfarçada ditadura, contra o estado caótico da economia brasileira, pelo maior número de escolas e contra todas as imposições às liberdades democráticas.

Esta é uma característica do Movimento Universitário - PARTICIPAÇÃO.

Embora ela se processe quase sempre de forma a deixar patente apenas seu aspecto de manifestação, não deve ser somente esta a participação do estudante.

Conhecemos de sobra uma velha história - que não é demais repetir - acerca de líderes estudantis que, ao terminarem seus cursos, passaram simplesmente a ignorar quaisquer problemas de quaisquer naturezas que não se referissem exclusivamente ao seu círculo familiar.

Esse estudante não se formou. Ele se entregou a impulsos emotivos apenas. Ele foi usado pelas circunstâncias políticas para influir em determinados momentos, quando uma questão pendente qualquer necessitava da agitação estudantil. E principalmente, ele não tem mais condições de crer ou de construir coisa alguma.

Ainda agora temos em mãos uma extensa Declaração de Princípios dos Politécnicos, deliberada em Assembléia Geral Extraordinária de 12 de março de 1945, que em linhas gerais se afirmava inteiramente contra o Estado Novo, exigia a extinção dos resquícios que desse regime ainda restava e a anistia dos presos políticos não fascistas.

Uma pergunta apenas lançamos à vista dessa heróica Declaração.

Quantos politécnicos daquela época não compactuam agora com algo semelhante? Quantos daqueles mesmos jovens idealistas não se referem àquele tempo como sendo de "estudentadas"?

Aqui cabe a nossa restrição:

Não apenas no sentido de manifestar-se ostensivamente deve participar o universitário brasileiro. Há a necessidade de que esse mesmo jovem possa adquirir uma consciência própria e não imposta. Uma forma o mais clara e honesta possível de ver as coisas que o cercam. De saber interpretar corretamente os fatos que determinam todo um processo político, para não ser usado apenas ou alienar-se totalmente.

E para isso se presta o Poli - Campus.

Para a exposição e discussão sincera de idéias, pois só de seu confronto se pode concluir algo.

Para isso o seu jornal existe.

Discutamos portanto e que o máximo se aproveite.

Pois a crer-se que o estudante só pense por não ter nada a perder é deixar insepulta uma das poucas sementes ainda capazes de produzir frutos nessa terra.

Nascer, para quê? ... Crescer, para quê? ... Morrer, para quê? ... Para que viver? Para sofrer? ... Nasceu Alguém. Coitado.... Mas nasceu e nasceu pecando. Foi batizado e perdoado por crime que não praticara, pois ainda não sabia distinguir o bom do mau, o bem do mal. Mas pecara. Pois nascera.

Cresce o nosso Alguém. João Alguém, João Ninguém. João cresce. Fome, falsa fé. Mais fome. E sofrimentos. E como crescer então? ... Com fome.

Crimes, roubos, maldades... É tudo que o cerca. E como cerca. Vício e miséria. Chantagem e crime. Vingança e ódio.

Para que crescer? ... Mas João Ninguém cresceu. Cresceu como pôde. Pôde? Sim, Deus quis e João Ninguém cresceu. Com fome, mas cresceu. Viveu. Vegetou, sofreu, amou, foi enganado, sofreu, amou de novo, foi enganado e de novo sofreu. Mas não aprendeu. Deus quis que assim fosse. Por quê? ... Para poder morrer. Enfim.... Morrer em paz? Não. Indigente, crescido em meio pôdre de cloacas de sociedade pervertida, com prostitutas amando ao portador. Sua mãe ou sua irmã, quem sabe? Nem ele mesmo. Abandonado e encontrado em meio ao lixo, num bairro feio, pobre e triste, nem mesmo ele sabe quem é e de onde vem. Agora, indigente, tirando de frio, com fome, entre dôres e agonias, ele morreu. Morreu bem? Não, graças a Deus, não. ... Não ficaria bem sofrer tanto e morrer bem.

Morreu num beco escuro, imundo e frio, em farrapos, apenas com ratos e moscas a lhe fazerem companhia, além de urubus negros e agourentos a rodear sua carne já quase pôdre, para esperar o desenlace final e poder enfim banquetear em paz.

Morreu mal... Também, assim tinha de ser. Ele não é ninguém. É o tal de João Ninguém da Silva. João Ninguém da Silva? Só? Sim, só. João Ninguém da Silva só é o seu nome. Mas este, que interessa?

Ele foi gerado numa pensão imunda, apenas razoável para uma prostituta amar o mundo e ganhar seu pão de cada dia.

Ou será que foi no carro de algum "boy" sedento por carne? Ou num beco de uma rua escura, fétida e mal frequentada? Ou no cemitério? O lugar não sei, mas nasceu no anonimato, sofreu e morreu também no anonimato, só e triste. Sim, só, triste e torturado.

Ninguém para ajudá-lo. Também, para ajudar alguém como João não é fácil. Deixe-o morrer assim, ele nasceu mal, deve morrer mal. É um João Alguém qualquer. João Ninguém. João Ninguém da Silva Só. Nasceu pobre. Pobre e mal. Mal e pôdre. Pôdre e mal. Deve sofrer...

Mas, nasceu mal? Sim, nasceu pobre... E dizem que Deus é bom e perfeito. ... E é. Tinha que ser assim. E assim será sempre, até que nós, sempre mesquinhos e miseráveis de espírito, compreendamos que João Ninguém somos todos nós, porque não nos levantamos contra as injustiças sociais e não erguemos bem alto a Bandeira da Paz e Confraternização Universal, sem subjugo do mais fraco pelo mais forte e, voluntariamente e não compulsoriamente, afastemos o Mal de nós.

Somos todos iguais. Matéria, que importa? Deus não fez os homens. Fez nossas essências. A essência do homem.

Nossa matéria quem faz somos nós mesmos. E nós mesmos nos destruimos. Destruímos só matéria... Ainda bem. Ainda bem que destruímos logo o João Ninguém. Assim ele poderá viver em paz, com a essência que Deus lhe deu e que nenhum de nós pode tão covardemente usurpar como fizemos com o seu corpo.

Poderá então, enfim, viver em paz, ao lado de Deus.

Coitados de todos nós. ... Somos todos João Ninguém...

O informar-se conscientemente acerca de nossos fatos culturais, deve ser preocupação de toda pessoa interessada na formação de uma cultura brasileira autêntica.

Esse o objetivo dessa seção.

Entrevistas com nomes que possam dizer-nos algo nesse sentido.

Eis um homem: SOLANO TRINDADE.

No setor cultural, como em tantos outros, a mais superficial análise nos leva à enorme contribuição negra.

Contribuição essa que começou a impor-se quando, ao primeiro escravo negro transportado para o Brasil, lhe puseram as cadeias ao pescoço unindo-o ir resistivelmente a todo o processo evolutivo de nosso país; quando seus sofridos lamentos se elevavam dos infectos porões negreiros; quando suas danças - a capoeira, o lundu, o jongo - distraíam-lhes a condição escrava e afirmavam sua revolta; quando as orações aos seus deuses - proibidas pelos senhores - eram disfarçadas sob nomes cristãos; quando seus instrumentos - o berimbau, o zabumba - começaram a soar na colônia brasileira, enriquecendo-a musicalmente; quando seu vocabulário deu novas cores à língua portuguesa; quando às lendas brasileiras foram adicionados elementos africanos - o Saci, o negrinho do pastoreio; quando à culinária brasileira foi encontrada a origem negra que hoje a caracterizam.

E assim nos perderíamos na enumeração extensiva e ociosa de fatores ampliativos negros da cultura brasileira.

Hoje em dia no Brasil, e particularmente em São Paulo, vários movimentos existem e insistem em afirmar essa contribuição.

Impossível desconhecer o trabalho do Teatro Popular Brasileiro, do Teatro Experimental do Negro de São Paulo, da Associação Cultural do Negro, da Casa de Cultura Afro-Brasileira e outros.

CULTURA BRASILEIRA

Há entre esses movimentos divergências que aqui não nos cabe discutir, embora se caracterizem eles por um mesmo princípio: - Quando se quer falar em Cultura Brasileira, seriamente, o negro teve, tem e terá sempre um papel preponderante.

Procuram esses grupos culturais mostrar à sociedade dominante toda a con-

tribuição negra.

Dentre os autênticos líderes destes movimentos negros, um se destaca sobremaneira, em virtude de ter a vida inteira dedicada aos estudos e lutas para colocar as coisas em seus devidos lugares;

Este homem é Solano Trindade, cujo nome está entre os dos maiores poetas negros do mundo, e que concedeu em entrevistar-se com a reportagem de Poli - Campus.

R - Solano Trindade. Em sua opinião qual deve ser o papel do poeta ou intelectual de um país subdesenvolvido?

S - O papel do intelectual e do poeta é ser intelectual e poeta, isto é, autêntico, honesto, corajoso, é saber fazer de sua poesia uma arma de combate cultural em benefício da coletividade.

R - Quais seriam as causas da falta de unidade nos movimentos negros no Brasil?

S - A causa da falta de unidade do negro é a mesma que desune todos os homens, é econômica. O negro que veio para o Brasil desunido culturalmente, depois ainda foi distribuído em diversas áreas culturais e econômicas, ainda sofrendo as influências do modus-vivendi dos seus colonizadores, não poderia em menos de um século de libertação, ser um grupo unido.

Já Artur Ramos dizia, que quando se falar em negro, dizer que negro.

O Brasil recebeu negros de diferentes partes das Áfricas, com culturas diferentes, com filosofias diferentes, comendo diferente, adorando deuses diferentes e hoje obedecendo linhas das culturas ocidentais, dos seus senhores, embora incluindo com elementos das suas culturas-Folclore.

Desde 30 no Brasil, começaram as organizações negras de estrutura ocidental,

a existir como as Frentes Negras (São Paulo) Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Depois do 1º e 2º Congresso Afro-Brasileiros, surgiram diversas Associações culturais afro-brasileiras.

É verdade que antes deste período

do qual falei, houve organizações importantes pelo que imprimiam politicamente, na Bahia, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O Clube do Cupim do Recife lembrado pelo saudoso Mário Melo, os movimentos Malês de Pernambuco, Alagoas e Bahia, os grupos de Minas como Chico Rei, o Floresta Aurora de Pôrto Alegre, o Grupo de Gazeteiros de Augustinho Bezerra no princípio deste século, provam que o negro nem sempre esteve desunido.

Mesmo nas organizações religiosas, como as igrejas do Rosário dos Pretos em quase todo território nacional, nos diferentes candomblés da Bahia e Xangôs do Nordeste, nas Nações de Maracatins de Pernambuco, não só se tratou de religião mas também de revoluções contra a escravidão negra, saindo desse núcleo o movimento palmarino, a revolução baiana, a Balaiada, etc. .

Henrique Dias era um dos chefes da igreja da Bahia, como Mahin, mãe de Luiz Gama, presa no Rio como agita-

dora, tinha influência nos candomblés e era negra Malê.

R - E as perspectivas para essa luta, como se apresentam?

S - As perspectivas para a união e engrandecimento do homem negro no Brasil são muitas.

A primeira é a integração do negro na sociedade brasileira que depende muito não só do negro mas também do branco, especialmente do estudante, do intelectual e do artista, sem sentimentalismo, sem sexualismo idiota, sem exploração pessoal ou outras formas falsas, que no fundo são também racismo.

Não sou pela Negritude pregadas por muitos elementos brancos e negros, não aceito Sartre nesta filosofia, sou por uma verdadeira valorização do negro, por um verdadeiro conceito de igualdade racial. Só assim atingiremos a unidade do negro e consequentemente de todos os brasileiros.

Entrevista concedida a
SÍLVIO A. PREGNOLATTO.

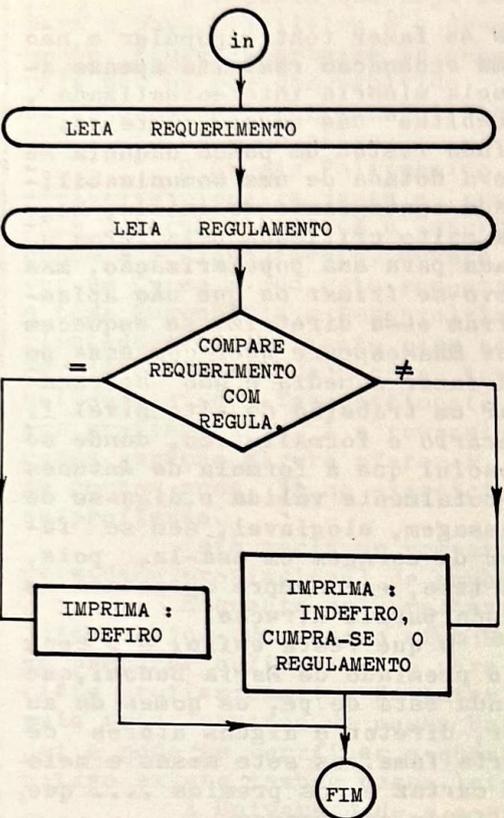
Muitos jovens ingressam na Politécnica, tornam-se politécnicos por estarem todos os dias na Escola Politécnica preocupados com cálculos infinitesimais, projetos e, após cinco ou mais intermináveis anos tomam posse do pergaminho aventurando pela vida afora. Esses recém-formados enfrentarão sérios obstáculos, não di-

go técnicos, porém, que se apresentarem como problemas sociais, como relações humanas, para se entrosarem na dinâmica da sociedade. É preciso, enquanto estudantes, amadurecermos em noções de liderança, grupo, como exemplos e enfim em ciencias humanas. A Escola Politécnica não tem procurado desenvolver os alunos nesse sentido. Então, para complementar a formação do politécnico, o Grêmio Politécnico, através de seus departamentos, tem atuado na promoção humana dos seus associados. Uma das primeiras atividades é o ciclo de conferências sobre psicologia a cargo do departamento cultural. Quem participou desse ciclo, talvez não tenha visão do campo de aplicação prática para aquilo que ouviu e discutiu nas palestras. A todo instante se aplica. Mas há um departamento do Grêmio, que talvez ainda você não conheça, dando oportunidade de entrar em contacto com aqueles com quem,

quando engenheiro, deverão utilizar de psicologia para liderança de grupo, sendo esses na totalidade homens sem instrução primária. É A CAMPANHA PAULA SOUZA. Ela promove a alfabetização e educação dos adultos marginalizados da nossa sociedade. Com esse fim, a Campanha Paula Souza mantém cinco unidades escolares distribuídas em cinco bairros distintos da Capital, cabendo aos politécnicos a direção e coordenação das mesmas. Os colegas interessados ou, os que procuram tal formação, consultem os responsáveis pela C.P.S. na escola (Politécnica) ou nos locais de funcionamento das escolas (de Educação de Adultos).

Responsáveis pelo C.P.S. : Cláudio Dascal (Perdizes - Rua Marta, 33) 5º Eletrônico ; Paulo Márcio de Almeida (idem) 3º Naval ; Kenji Tomikawa (Pinheiros-rua Morás, 630) 5º Mecânico ; Pastana (idem) 5º Mecânico ; Saburo Kuwahara (Luz-av. Tiradentes, 273) 4º Civil Hidr. ; Massau Mafol (Ponte Pequena-av. Estado 1375) 4º Mec. ; Paulo Wanderley (Santana-rua Olavo Egídio, 1008) 2º Eletr. ; Kenichi Takada (idem) 4º Químico.

PROGRAMAÇÃO DIRETORA

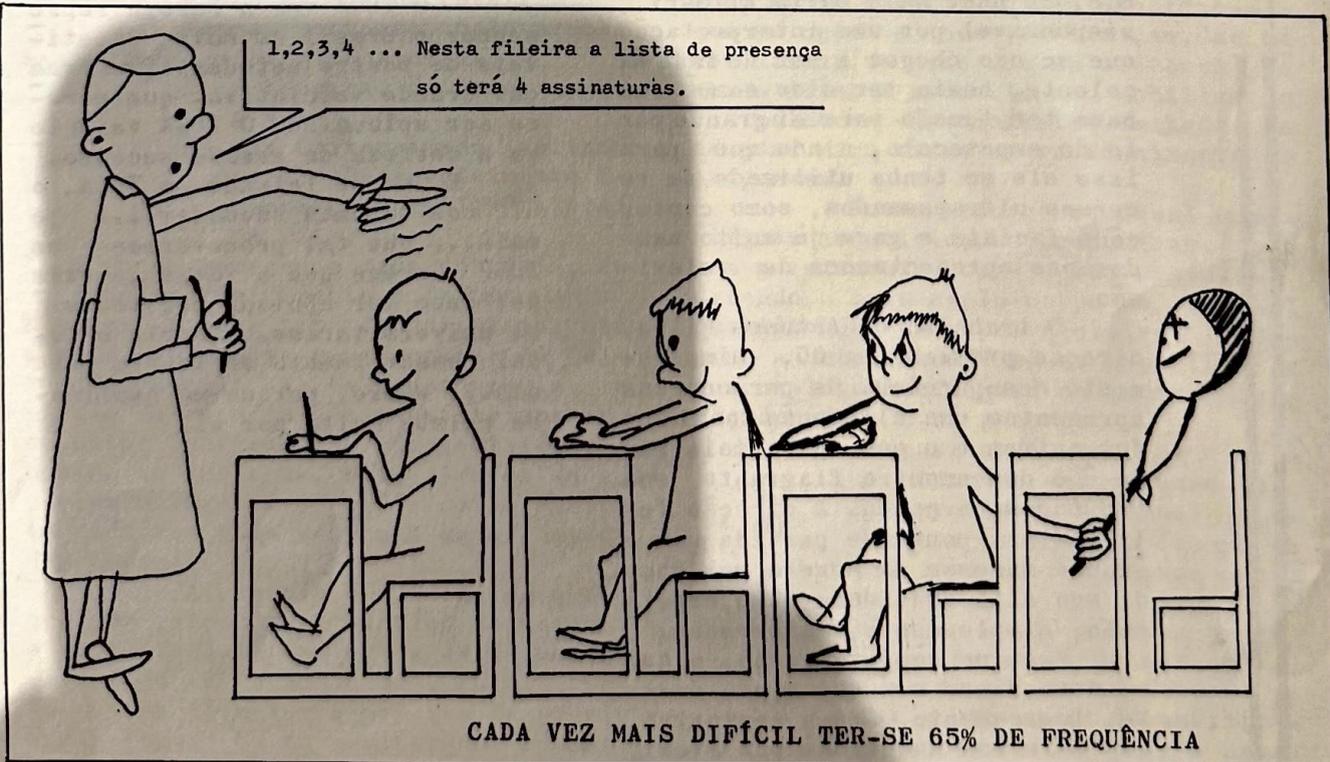


O GAMELINHA

Aquêlê aluno vivia confundindo P(x) com Pó de Giz.

AMOR INTEGRAL

$$\int \cdot \int \rightarrow \iint \rightarrow \int \phi \rightarrow \iint \cdot \int$$



Num primeiro comentário, muita coisa poderia ser visada, coisas mesmo que estariam mais em voga no momento. Interessante, porém seria nos atermos a um problema que já representa mais um erro crônico no nosso teatro.

Em vista disso, nada melhor do que analisar a Megera Domada de pois de sete meses e meio em cartaz. O prêmio de melhor espetáculo do ano, recebido em 65 pela Megera e entregue depois da encenação ter passado pelo crivo da APCT fica com ares esquisitos para alguém que vá agora vê-lo no Aliança Francêsa. Mas o prêmio foi realmente justo, apesar de alguns senões, e aquilo que temos no palco agora, nada mais é que pouco do que se tinha no início. A Megera realmente esfriou e isso se deve a muitos fatores, como, por exemplo, o congelamento da figura de Petróquio, a quem Armando Bógus em prestara um dinamismo excelente ao início das apresentações. Pontos há que fizeram com que o espetáculo caísse ainda mais, como a saída de Regina Duarte, que fez entrar como Bianca, Yara Amaral, em prestando uma mediocridade impressionante ao papel, ainda que este não seja de prôa na linha cênica. Mas o grande problema, no tocante a substituições está na de Grúmio, de onde saiu Mário Alimari, responsável por uma interpretação que se não chegou a ser de todo excelente, basta ter sido como foi para ter tomado para si grande parte do espetáculo, ainda que para isso ele se tenha utilizado de recursos ultrapassados, como contorções faciais e gags já muito usadas nas apresentações de televisão.

O trabalho de Antunes Filho, direção premiada em 65, simplesmente desapareceu. Os personagens apresentam uma alienação total uns dos outros e o que agora mais marca é o desencontro flagrante entre todos no palco. A direção felicíssima, ponto de partida para o grande sucesso da Megera bem como da sua alta qualidade como espetáculo, simplesmente desapareceu.

Mas, no cômputo geral, o que se deve dizer e o que ainda existe, logicamente, é uma tentativa, das mais bem sucedidas por sinal,

de se fazer teatro popular e não uma encenação restrita apenas àquela minoria intelectualizada, "habitué" das nossas platéias. Ainda restou um pouco daquela Megera dotada de uma comunicabilidade contagiante do início, Megera muito criticada pela forma usada para sua popularização, mas deve-se frisar os que não aplaudiram essa diretriz, se esquecerem que Shakespeare quer com essa peça fazer comédia e não apresentar um trabalho de alto nível literário e formalístico, donde se conclui que a fórmula de Antunes é totalmente válida e, diga-se de passagem, elogiável, sem se falar da coragem em usá-la, pois, em tese, ela sempre apresenta um risco para a direção.

O que resta enfim, é o cenário premiado de Maria Bononi, que ainda está de pé, os nomes do autor, diretor e alguns atores de certa fama, os sete meses e meio em cartaz e, os prêmios que já foram outorgados...

NOTAS ...

- Teatro do Jovem Moderno : grande iniciativa de Nydia Lícia (que anda um pouco por baixo atualmente). Todos os sábados às 16 horas no Teatro Bela Vista.

- O TUCA vai à Europa representar o Brasil em dois festivais de teatro estudantil na França. Grande iniciativa, que merece ser aplaudida. O TUCA vai e leva a certeza de grande sucesso.

E, em se falando em TUCA, o GTP nos dá umas saudades.... e mais... que tal promovermos um TUSP? Parece que a idéia já existe; deve ser apoiada por todos os universitários... seria o total ressurgimento do Teatro Estudantil sério, porque má qualidade existe muita por aí.

JOÃO

O desafio que hoje se coloca para o povo brasileiro é o desenvolvimento. Pouco importa se se considera o país sub ou pré-desenvolvido. Faz parte de qualquer programa político metas que visam esse objetivo.

O Grêmio Politécnico, numa iniciativa pioneira junto a profissionais liberais, ligados à Engenharia, Economia e Planejamento, deverá promover um Curso ainda este semestre, sobre o tema Engenharia e Desenvolvimento. O rientado principalmente para alunos do 3º, 4º e 5º anos da Escola, tem repercutido bastante favoravelmente junto aos profissionais. É a resposta que a nossa geração deverá oferecer, dentro de poucos anos, já no exercício de nossa profissão.

Isto seria um preparo para a atividade profissional de amanhã.

Enquanto universitário, tem o jovem, hoje, uma missão além daquela de se preparar culturalmente para o exercício profissional: a de lutar, agora, pela transformação de nossa Universidade; e pode se verificar o quanto de formativo existe também nessa luta.

A Universidade e a sua crítica devem ser vistas, num país sub-desenvolvido, em função de uma realidade econômico-social. E ainda mais, atentando-se a que uma Educação para o Desenvolvimento não se deverá voltar apenas para índices demográficos e simples crescimento "per capita"; mas esta finalidade deverá ser a própria promoção do homem, a sua plenitude total.

Temos, portanto, dois problemas interligados a considerar:

1 - A Educação do Homem na Universidade.

2 - Uma Universidade voltada para o Desenvolvimento Econômico, Social, Cultural do país.

1 - O mundo moderno é cada vez mais, dependente da Ciência e da Tecnologia. E surge um novo tipo de humanismo, como a mais expressiva manifestação de Cultura do século XX. Em consequência, a missão da ciência não consiste apenas, em criar condições de adaptabilidade humana ao ambiente. Mas, através da capacidade inventiva, em formar o ambiente cada vez mais adaptado às necessidades humanas.

A ciência e a tecnologia têm que ser colocadas a serviço do homem; a civilização tecnológica exige uma nova definição de humanismo. Pois, quando se faz ciência, é preciso fazer ciência dentro de um contingente humano.

Uma nova concepção de currículos para a Universidade torna-se imperiosa, ultrapassando o nível de simples transmissão de conhecimentos. A importância da Ciência não se restringe ao conhecimento dos fatos. Reside, sobretudo, na possibilidade de, através da experiência e da interpretação, conduzir aqueles que a praticam à verificação e purificação do próprio conceito.

O problema do ensino se coloca portanto, na proporção do educando para atingir um "status" de maturidade, ou seja, a capacidade de encontrar-se com a realidade, de uma maneira eficiente e frutífera. O embate com a realidade, por parte de quem não apenas conhece fatos, mas aprendeu a raciocinar, para empregá-los bem, é a forma de tornar maduro e autônomo o futuro promotor do desenvolvimento do país.

Este é um aspecto que diz respeito ao Método de Ensino na Universidade Brasileira; o universitário tem uma vasta informação e, absorvido pelas exigências escolar e disciplinar, raramente amadurece intelectualmente. Não está preparado para o embate com a realidade, desconhece-a, e não alcança os caminhos de sua superação.

2 - Na Economia do país, em seu desenvolvimento, onde se situa o papel da Universidade?

O desafio do desenvolvimento só pode ser encontrado com base num conhecimento científico das condições em que se opera a industrialização, das alternativas de ação que se oferecem ao nosso país, e mediante a mobilização dos melhores especialistas de todos os campos, para orientar racionalmente o progresso.

Neste esforço racional de planejar as atividades econômicas, sociais e culturais, cabe à Universidade, detendo o mais amplo corpo de pessoal qualificado, um papel decisivo. Todavia, a Universidade só se capacitará a exercê-lo com eficácia na medida em que reordenar-se a si própria:

a) para atuar como um centro ativo de equacionamento dos problemas nacionais e de elaboração de soluções que explicitem os interesses em causa.

b) para atuar como um núcleo de formação de pessoal qualificado na quantidade e com a variedade de habilidades requeridas para o desen-

volvimento.

Na realidade, de há muito que em todo o mundo romperam-se os muros do isolamento universitário. Nos laboratórios das principais universidades se travam hoje as grandes batalhas da guerra. Em seus centros de estudos, objetivos extra-universitários tanto militares como de dominação econômica e política, financiam os mais amplos programas de investigação. Seus quadros técnicos se ampliam para servir a tarefas que exorbitam cada vez mais da simples busca ou transmissão do saber, para servir a interesses nacionais e de grupos.

A Universidade que não alcança a lucidez necessária, para entender aonde querem chegar os outros, e portanto rever e fixar o seu próprio caminho, está fadada a trair o seu povo. E é o único meio de evitar dois perigos capitais na nossa Universidade:

1. o isolamento, pelo medo de influências externas malfazejas.
2. um seguidismo inconsciente e alienado que engajê seus quadros docentes e sua juventude em projetos alheios.

Neste mundo bipartido, em que a concorrência envolve a ciência, arriscamo-nos a ver nossos parques quadros de pesquisadores desviados das tarefas do desenvolvimento nacional para serem colocados a serviço da competição científica mundial.

A revista "La Educacion" publicou o artigo intitulado "Os estudos gerais e a reforma universitária na América Latina", de autoria da professora Janet Lugo, do Departamento de Assuntos Educacionais, da União Pan-Americana. Destacamos do artigo o seguinte:

Seria impossível indicar - e muito menos examinar - todos os problemas que têm sido objeto da auto-crítica que hoje caracteriza a universidade latino-americana. Podem, porém, ser assinalados alguns que são, no consenso das autoridades que nos diversos países estudaram o assunto, suscetíveis de solução ou de melhoria através da implantação dos estudos gerais na reforma estrutural e docente que será de exigir-se da Universidade. Estes são:

1. A insuficiência de recursos materiais e humanos para atender a demanda de ingresso, que obriga a li-

mitar a aceitação de estudantes e que traz, como consequência, à exclusão da universidade uma elevada porcentagem de concluintes do ensino médio. Dois aspectos específicos deste problema têm sido motivo de preocupação em quase todos os países americanos: A carencia de locais e recursos materiais modernos - laboratórios, equipamentos, bibliotecas - e a falta de um corpo docente, devidamente preparado, que se dedique ao ensino universitário como sua única ou primordial profissão;

2. A insuficiente utilização dos recursos disponíveis, devido à estruturação tradicional da universidade latino-americana, que se assemelha a uma confederação de escolas que, sob o ponto de vista acadêmico e administrativo, são independentes, desvinculadas, e isoladas. No plano material, tal estrutura ocasiona a duplicação desnecessária de facilidades custosas, tais como laboratórios e equipamentos científicos.

Com referência ao elemento humano traz consequências, tais como isolamento entre os professores universitários que ensinam a mesma matéria nas diversas faculdades, o que obstaculiza o intercâmbio de idéias e impede a necessária revisão de programas face ao constante progresso da ciência e da cultura;

3. A insuficiente variedade de carreiras oferecidas pela universidade para atender à complexidade vocacional dos adolescentes e às necessidades culturais e técnicas do continente;

4. As deficiências na preparação prévia do estudante que ingressa na Universidade, como consequência da desarticulação entre os estudos secundários e universitários;

5. A falta de serviço de orientação profissional;

6. A rigidez da estrutura tradicional universitária que obriga o estudante a uma escolha prematura da profissão e impede a troca posterior de uma carreira profissional por outra.

Os quatro últimos fatores contribuem, de maneira destacada, para um problema que talvez seja o mais grave da Universidade latino-americana, ou seja:

7. A elevada taxa de abandono e fracasso escolar no nível universitário, situação que se traduz em uma perda considerável das inversões nacionais na educação superior.

Diretamente relacionados com a Universidade Brasileira, e em torno

HOMEM NA JANELA

CRÍTICA

Livro - O SENHOR EMBAIADOR
 Autor - ÉRICO VERÍSSIMO
 Editôra - GLOBO

De fato amigo, tua janela
 é muito cômoda e bela,
 enfeitada de gerânios
 (a flor que enfeita janelas).

Nela
 ostentas o ar pacífico
 dos genios de fancaria
 - imperturbável espectador.

E a vida que se desencontra
 sob teus olhos
 te merece apenas
 um ar de piedoso descaso.

De fato amigo,
 é muito pura
 e muito alta tua janela.
 Tão alta que não te chegam gemidos
 que não te chegam tristezas
 que não te chegam dilemas
 cantilenas
 prantos
 poemas
 ranger de dentes
 demagogias

ruídos rugidos fingidos sofridos.
 Não te chegam
 nem o pútrido odor
 das mazelas humanas,
 nem o cálido estalo
 de uma efêmera alegria.
 (apenas o agradável aroma
 dos gerânios que cultivas).

Nada te chega
 à branca e impenetrável janela,
 da qual tu
 espectador
 (nem expectativo nem expectante)
 espectador
 pacificamente irritante,
 assistes a um mover-se
 de vida em prol de vida
 que não te move.
 Assistes... sem comover-se.

É tão alta tua janela amigo,
 que não te chega nem o sol nem o dia
 nem te chega a vida,
 pois não é vida
 esse tridimensional
 cinema mudo
 sem mímica
 que tua janela
 tão alta
 tão bela
 te propicia
 sem explicação.

E emoldurado nela
 (em tua janela tão bela)
 te deixas entre gerânios,
 insensível,
 placidez total.
 Apenas mais um gerânio - artificial.

Tome-se um escritor que durante muitos anos exercitou seu estilo, pintou tipos, estudou personalidades, circunstâncias e meios. Dê-se a ês te homem uma longa vivência em países estrangeiros e uma capacidade incomum de apreender o "modus-vivendi" e compreender a filosofia de um povo. Em suma, que tenha sensibilidade, possa entender a si e aos outros. Faça com que a aludida pessoa frequente assiduamente os Estados-Unidos e seja, ainda, Latino-Americano.

Enfim, quando por um sortilégio qualquer você lhe der a maior das coragens - a da sinceridade - certamente você terá um livro como O Senhor Em baixador.

Inegavelmente êste livro de Érico Verís simo, já há algum tempo editado, merece aqui consi- derações por se tratar de sua melhor obra até hoje realizada.

O palco - quase sempre Washington, mais particularmente, a embaixada de um país fictício do Caribe - serve à locomoção e análise profunda dos personagens e fatos que ali se desenvolvem.

A dissecação da mentalidade dos tipos a- presentados os acompanha até a cama, pois lá, mais que em qualquer outro lugar, se pode conhecer as pessoas.

Corajosamente o autor estuda, então, até onde as neuroses e fobias de alguém podem determi- nar a adoção de uma filosofia ou a sorte de um povo.

As relações Interamericanas, ou melhor, a política Norte-Americana em relação aos países e republiquetas Latino-Americanas, tem seu retrato autêntico, de forma acima de tudo honesta, pois o es critor aqui retrata apenas. Apresenta, pela bôcã dos personagens, a verdade ou a mentira de cada um - teses e pontos de vista opostos - tratados com o mesmo tom e igual paixão.

Isso tudo pôsto de uma forma agradá- vel, bem dosada; o domínio perfeito do romance, ób- viamente, por Érico Verís simo e, principalmente, a grande verdade humana que faz pairar uma, às vè- zes diluída, mas expectante tensão do início ao fim da obra, fazem de O Senhor Embaixador um Se- nhor Livro.

LINEU AYRES

Através dessa coluna, o Departamento Social procurará divulgar todas as promoções - suas e doutros Departamentos e Escolas - que possam contribuir para a maior integração universitária e o entretenimento dos colegas. Seria também o cantinho das "dicas", principalmente para os "cruspi anos" aflitos a busca de distração nos fins de semana.

E vamos às promoções:

1 - BAILE DO BICHO

salões do Aeroporto
orquestra do Pocho - dia 16 de abril
convites - Cr\$2.500 - dama e universitário
Cr\$4.000 - cavalheiro
m e s a - Cr\$10.000 - d e p i s t a
Cr\$ 8.000 - o u t r a s

2 - VIAGEM DE INTEGRAÇÃO AO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA.

de 3 2 6 de abril (Semana Santa) ; conjuntamente com as MENINAS DO SERVIÇO SOCIAL , para 30 pessoas (15 politécnicos).

3 - SHOW DE INTEGRAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA

dia 13 de abril. Compareçam com suas famílias especialmente os calouros.

Brevemente: Início das "POLI VOLANTES"

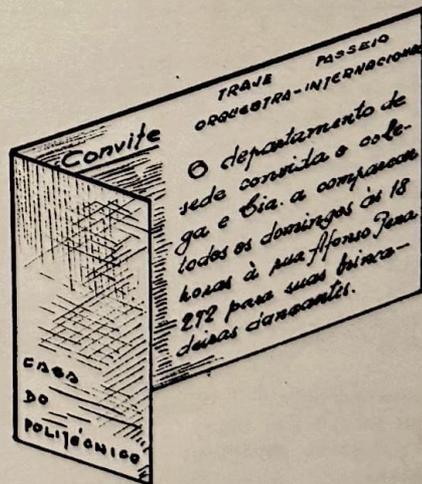
(shows conjuntos com outras faculdades). A participação dos colegas permitirá recobrar o sucesso que alguns anos atrás estas programações alcançaram.

Convite aos

Calouros : Os primeiro-anistas que se interessarem pela realização de bailes e festas estão convidados a se inscreverem no Departamento Social com Matias (2º Mec.), Rodrigo (2º Mec.) e Roberto Sebok (2º Quím.).

MAPOFEI :

Queremos aproveitar este contacto para relembrar-lhes o início da Mapofei dia 26 do corrente e incitá-los ao comparecimento maciço aos jogos dessa competição organizada em nossa Escola pelos colegas da A.A.A. Politécnica.



Aguardem nossos próximos contatos neste jornal e nos murais da Escola.

Iniciamos hoje essa seção do Poli - Campus, para o ano de 1966 e esperamos poder mantê-la até o fim deste período letivo. O objetivo principal a que nos propomos é fornecer elementos simples sobre os movimentos mais importantes no setor de música erudita e também de música popular. Esperamos receber sugestões e críticas a esta coluna, para que possamos aperfeiçoá-la no sentido de atender ao máximo aos interesses da coletividade politécnica.

Os trovadores representam, cronologicamente, um dos primeiros movimentos musicais.

Os trovadores campearam a idade média cantando suas canções em louvor à mulher amada. Esses elementos têm duas origens principais: 1. origem na família pobre; 2. segundos filhos de senhores de pequenos feudos que não recebiam herança.

Independentemente de onde provinham, essas pessoas possuíam boa voz e geralmente tocavam alaúde.

A sociedade onde viviam era constituída de um grande número de homens (cavaleiros, trovadores) e poucas mulheres (as donzelas, filhas de senhores feudais e educados em conventos). A princesa ou a castelã constituí o centro do círculo e tudo gira em torno dela. Os cavaleiros e trovadores da corte rendem homenagem a esta dama nobre e culta, rica e poderosa, e geralmente jovem e bela. O contacto diário, num mundo isolado, de um grupo de homens jovens e solteiros com esta mulher desejável em tantos aspectos, as ternuras conjugais que eles deviam involuntariamente presenciar e o pensamento de que uma mulher pertence por completo a um só homem, tinham de suscitar, nesse mundo fechado, uma elevada tensão erótica que encontrava sua válvula de escape no amor cortês.

O modo de expressão da poesia amorosa cavaleira aparece, desde o primeiro momento, como um rígido convencionalismo literário. A lírica trovadoresca é uma poesia de sociedade, na qual a inclusão da experiência real deve encobrir-se com as formas rígidas da moda imperante. Todas as composições cantam a mulher amada com a mesma forma, dotada das mesmas graças e a representam como encarnação das mesmas virtudes e idêntica beleza. Tem-se a impressão de que o poeta não se refere a uma mulher determinada e se inspira mais num modelo literário que numa criatura viva.

O potente idealismo do amor cortês não pode enganar-nos sobre seu latente sensualismo, nem impedir-nos de conhecer que sua origem é a rebelião contra o mandamento da igreja de então.

Nada reflete tão bem as íntimas contradições do mundo sentimental dos cavaleiros e trovadores como a ambiguidade de suas atitudes frente ao amor, em que a espiritualidade mais alta se une à sensualidade mais intensa.

Os trovadores são os representantes mais avançados da cultura dos cavaleiros, por traduzirem e divulgarem o contexto social da época.

UNIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO (continuação)

da Política Educacional dos nossos Governos, temos condições de ponderar e criticar a situação da Universidade Brasileira. Mesmo o debate de algumas soluções aventadas

seria produtivo.

Fica para uma próxima ocasião.

PAULO A. VALARELLI

Da Revista Politécnica do bimestre Maio-Junho de 1934, pag. 300, copiamos o seguinte artigo:

CIDADE UNIVERSITÁRIA

Foi enviado ao Sr. Interventor Federal em São Paulo Snr. Dr. Armando Salles de Oliveira, o grandioso plano da formação de uma cidade ou bairro universitário, que sob a direção da Universidade de São Paulo, congregue tôdas as suas escolas. Junto a esse projecto seguiu o seguinte officio:

Exmo. Sr. Dr. Armando de Salles Oliveira D.D. Interventor Federal em São Paulo.

Os órgãos representativos da classe academica de São Paulo, por intermédio de seus presidentes abaixo assignados, vêm respeitosa e submissamente à apreciação de V. Excia., o grandioso plano da formação de uma cidade ou bairro universitário que sob a direção da Universidade de São Paulo, congregue todas as escolas incorporadas àquelle instituto.

Os benefícios decorrentes serão inumeros e inestimaveis, avultando entre elles, o intercambio intellectual e social que se estabelecerá entre os alumnos, permitindo-lhes amistososo convívio e contribuindo para a consolidação do espirito universitário.

Com excepção da sumptuosa Faculdade de Medicina, primorosamente instalada, verificamos que as demais escolas de São Paulo funcionam em predios inadequados, em notavel desaccordo com o progresso da terra bandeirante.

Não é, pois, destituída de senso, a representação que os abaixo-assignados vêm submeter ao criterio de V. Excia.: a sua realização que constitue neste momento um dos mais vivos anhelos da mocidade estudiosa de São Paulo, virá assignalar uma era promissora de esplendido renascimento cultural na terra paulistana.

Junto a esta encontrará V. Excia. um ante-projecto e seu respectivo memorial relativos à futura Cidade Universitária segundo as indicações que puderem obter os signatarios, pelo muito que os interessa o assumpto.

Attenciosas saudações

São Paulo, 2 de junho de 1.934.

Seguem-se as assignaturas dos presidentes dos Centros academicos.

Logo que possivel, em um dos nossos proximos numeros publicaremos esse grandioso projecto com mais detalhes ...

Sem demérito dos que possibilitaram a edificação do que já existe da Cidade Universitária, o artigo acima serve para nos dar uma visão de suas verdadeiras e hoje distantes origens.

Algumas oportunas considerações podem também ser feitas. Como por exemplo:

Quando se poderá ter o usufruto de uma verdadeira Cidade Universitária completamente integrada em seus fins? O provisório, quando deixará de ser definitivo no Brasil (vide Centro de Vivência do Crusp e milhares doutros exemplos por aí)? Até quando os cortes de verbas serão utilizados como armas políticas?

Por aí nos alongariamos em perguntas às vèzes incômodas a muitas pessoas.

Deixamos à investigação do leitor, este vastissimo campo de indagações.

Uma verdade, porém, é realçada pelo artigo supra-citado: O estudante pode e deve contribuir construtivamente. E o fará sempre.

